

MARADONA... E O MUNDO PENSOU O SUPER-HOMEM

MARADONA... AND THE WORLD THOUGHT THE SUPERMAN

MARADONA ... Y EL MUNDO PENSÓ AL SUPERMAN

António Camilo Teles Nascimento Cunha

<https://orcid.org/0000-0001-9652-9870> 

<http://lattes.cnpq.br/2920977523340939> 

Universidade do Minho (Minho – Portugal)

camilo@ie.uminho.pt

Resumo

O ensaio faz o elogio a Diego Armando Maradona. Um atleta (futebolista) que encimou o humano nas suas mais diversas dimensões. Por um lado, a imanência na sua complexidade individual, psicológica, social e axiológica (o bem, o bom, o belo e o seus contrários); por outro, a transcendência da (na) imanência na medida em que eleva facetas e virtudes que o homem comum não consegue mas gostaria de atingir. Maradona acabou por projetar toda a dimensão mítica e lendária dos arquétipos dos heróis Gregos e Romanos, onde excelência e fragilidade (sua superação) convivem, numa (re) interpretação incessante.

Palavras-chave: Maradona; Homem; Imanência; Transcendência; Herói.

Abstract

The essay praises Diego Armando Maradona. An athlete (footballer) who summed up the human in its most diverse dimensions. On the one hand, immanence in its individual, psychological, social and axiological complexity (the good, the good, the beautiful and its contraries); on the other hand, the transcendence of (na) immanence insofar as it raises facets and virtues that the common man cannot achieve but would like to achieve. Maradona ended up projecting the entire mythical and legendary dimension of the archetypes of Greek and Roman heroes, where excellence and fragility (their overcoming) coexist, in an unceasing (re) interpretation.

Keywords: Maradona; Man; Immanence; Transcendence; Hero.

Resumen

El ensayo elogia a Diego Armando Maradona. Un deportista (futebolista) que resumió lo humano en sus más diversas dimensiones. Por un lado, la inmanencia en su complejidad individual, psicológica, social y axiológica (lo bueno, lo bello y sus contrarios); por otro lado, la trascendencia de la (na) inmanencia en la medida en que plantea facetas y virtudes que el hombre común no puede lograr pero quisiera lograr. Maradona acabó proyectando toda la dimensión mítica y legendaria de los arquetipos de los héroes griegos y romanos, donde conviven excelencia y fragilidad (su superación), en una (re) interpretación incesante.

Palabras clave: Maradona; Hombre; Inmanencia; Trascendencia; Héroe.

MARADONA¹ – PARTIR E FICAR...

É o mundo que pensa. E nós tentamos imaginar o que o mundo pensa.
(Eduardo Lourenço)

Maradona! Com uma lágrima... Maradona! Superou os valores dos “fracos” e fez o elogio ao instinto, à vontade de potência, à vontade de viver, à vontade de ser, à vontade de

¹ Diego Armando Maradona Franco, nasceu em Lanús, na província de Buenos Aires, Argentina, no dia 30 de outubro de 1960, vindo a falecer em 25 de novembro de 2020, em Buenos Aires.



poder. Não o poder pelo poder, mas o poder de Ser, Existir. Maradona... trouxe a vontade de verdade!

Estas palavras (vontade, poder, ser, viver, existir, potência, verdade) aparecem no pensamento do filósofo/pensador alemão de Friedrich Nietzsche (1988; 1983; 1992; 2000a; 2000b; 2001a; 2001b; 2002) que oferece uma nova interpretação/hermenêutica para o homem e para a vida, numa altura (século XIX) em que a humanidade se deparava com um paradoxo existencial: por um lado, a razão, a técnica e a ciência prometiam o progresso e, ao mesmo tempo, era possível observar uma certa decadência existencial (“Deus morreu”). Neste contexto, Nietzsche retorna à Tragédia Grega e resgata os valores desse tempo passado – tempo de guerra, dor, luta, força, corpo, sentidos, violência, instinto, competição – e, a partir daí (também), faz o elogio ao *Super-Homem* e à ideia do – *para além do bem e do mal*.

Por certo, Maradona seria, do ponto de vista simbólico, o representante e o homem esclarecido de Nietzsche. Foi um super-homem que esteve para além do bem e do mal, constituindo-se como o verdadeiro homem... o *homem da profundidade*. Alguém de si para si, numa caminhada... alguém que não é somente o espírito, mas também o coração... alguém que sempre se transforma de novo... e que se sente feliz por albergar em si, não “uma alma (i)mortal”, mas muitas almas “(i) mortais”.

Maradona pôs em causa a tradição moderna (ocidental e não só) – a tradição da ordem, da regra moral, social, política, pôs em causa os valores dominantes/ religiosos (“os valores dos fracos”, oriundos da metafísica Socrática, Platônica e Judaico-Cristã, como refere Nietzsche). Maradona pôs em causa a racionalidade, a norma, o fechamento. Se, em alguns momentos, a *moral escrava* (termo que utiliza para falar dos valores religiosos) lhe trouxe sentimentos de culpa, arrependimento e remorso (basta ver/ escutar as entrevistas dadas a muitos meios de comunicação), ela não foi suficiente para o “calar”. Ele foi para a frente, para diante.

Maradona traz assim um “novo Deus” (a mão de Deus) – uma mão imoral (fez gol com a mão no mundial do México de 1986 – Argentina *versus* Inglaterra) –, mas uma mão que inscreve o *verdadeiro Deus!*?

Um Deus que verdadeiramente se revela!?

Um Deus que tem em si, traz em si... a ordem e a desordem, a moralidade e a imoralidade!?



Maradona, o homem da ordem e da desordem, da moralidade e da imoralidade e, por isso, o *super-homem* e, por isso, sentiu (essa experiência única) estar *para além do bem o do mal* e, por isso, sentiu a grandeza do Homem Nobre (a Nobreza Humana). Sim, a Nobreza Humana é isso!

Maradona foi um homem do conhecimento, da arte. Um conhecimento que decorre do interesse e da perspicácia (humana), em vez de uma racionalidade e de valores impostos (absolutos, fixos imutáveis – uma ilusão, uma superficialidade, uma consciência da distância). O verdadeiro conhecimento está na vontade livre, inscreve-se na carne, no corpo. O verdadeiro conhecimento resulta de uma luta, de um compromisso com os instintos e com a experiência. Para Maradona tudo é liberdade, vontade e mudança. Mudança – Heráclito, o precursor da ideia de que tudo – o mundo – é movimento, por certo gostaria de o apreciar –, mudança constante, mudança que conduz ao conhecimento, ao espanto e à arte. Maradona foi a expressão artística na sua plenitude. Uma plenitude que rompe com as normas, os juízos de gosto (padrões de gosto), suscitando a emoção e o sentimento como uma *inscrição humana*.

MARADONA – O HERÓI QUE INSCREVEU (UMA VEZ MAIS) A CONDIÇÃO HUMANA

Maradona, vai, de forma sublime protagonizar a figura do herói humano, (mas também a do anti-herói) na sua narrativa humana - ora elevada, ora dramática; ora na “graça”, ora no “barro”. Ele representou a condição humana, na sua complexidade individual, psicológica, social e axiológica; mas também mostrou essa complexidade nos valores, nos dilemas, nas contradições, nos paradoxos da própria condição humana. Para além dessa representação encetou e encimou um eterno *retorno ao herói grego*.

Moniz (2009) refere que para os Gregos, o herói situa-se na posição intermédia entre os deuses e os homens. Por isso, Hesíodo, distinguindo (*Os Trabalhos e os Dias*, 156-173) cinco idades da vida humana, numa perspectiva decadentista, intitula a quarta, a seguir à do ouro, da prata e do bronze, como a dos heróis, antes da de ferro, ou da suprema degradação.

Maradona, talvez tivesse sido um dos poucos homens que “pisou/experenciou” e até “trespassou” a fronteira das idades, onde homens e deuses se comunicam, onde homens e deuses se tocam. Sentiu e mostrou-nos a *grandeza e a imortalidade* dos deuses (mesmo os



deuses decadentes) e sentiu e mostrou a “*grandeza*” e a *finitude* dos homens. *Maradona um homem de (a) fronteira*. Mas é nesta fronteira que se situa a casa da ambiguidade. Maradona também foi um homem da ambiguidade – com características antagônicas. Um antagonismo inscrito naquele corpo frágil e forte; pequeno e “alto”, lento e rápido, de poesia e de prosa.

Moniz (2009) ao referir-se à ambiguidade do herói grego, vai dizer que ela patenteia-se num conjunto de características antagônicas: por exemplo a *força e beleza* de uns (Hércules, Aquiles, Orestes, Pélope) contrasta com a *fraqueza/violência e o feio* de outros (Licáon, Cécrope, Órion, Actéon, Íxion). Maradona é força e beleza, mas também fraqueza e “violência”.

Outro aspecto que nos parece relevante é a questão da temporalidade (infância – vida adulta). Charles Baudoin (1952 apud MONIZ, 2009) reconhecendo ao herói uma origem divina, caracteriza a sua existência a partir de uma infância misteriosa e oculta, em contraste com a sua vida adulta, constituída por provas libertadoras, como combates contra monstros, e com a obtenção da imortalidade.

Maradona teve uma infância misteriosa, viveu num local pobre, mas rico (futebolisticamente) em espanto, técnica, luz (uma flor de Lotus); e que, travou os melhores combates dentro e fora do estádio; dentro e fora da ética; “dentro e fora da vida”. Estes duplos combates podemos vê-los como combates entre a estética, a poesia, o belo *versus* a “violência/o bélico”, a não ética, a fragilidade. Foram estes combates que fizeram dele um (i)mortal. A propósito da morte de Maradona e concretizando de alguma forma esta dialética o Papa Francisco numa entrevista ao jornal italiano “*La Gazzetta dello Sport*”, vai referir: “Em campo foi um poeta, um grande campeão que deu alegria a milhões de pessoas, tanto na Argentina como em Nápoles; era também um homem muito frágil” (FRANCESCO, 2021).

Maradona parece projetar (e projeta) toda a dimensão mítica e lendária dos arquétipos dos heróis Gregos, onde excelência e fragilidade (sua superação) convivem, numa reinterpretação incessante. Reinterpretação que aparece como o “fogo” que alimenta e estrutura o herói épico.

Deste fato, são bons exemplos: Hércules, que após a vitória sobre os doze trabalhos, adquire a imortalidade olímpica; ou mesmo Aquiles e Ulisses na Odisseia e na Ilíada de Homero (2015b; 2015a). Camilo Cunha (2021) ao abordar este sentido mítico (da Ilíada e da Odisseia) afirma que: A Ilíada continua a ser um *lócus* de inspiração. Continua a ser uma dança religiosa em relação à luta contra a morte – um percurso, um caminho, uma viagem de



despedida. A luta de Aquiles e Heitor continua a ser a lutas dos homens (sobrevivência, morte, poder, vingança, ressentimento, ódio); mas essa luta também nos mostra que no homem mora a ideia de compaixão, de liberdade, de justiça, de amor – “*coisas*” da condição humana. Quando o pai de Heitor (Príamo) vai à tenda de Aquiles e pede o corpo do filho (para lhe dar uma despedida honrosa) – lembrando-o de seu pai que também é velho! – Aquiles, com grande dignidade, dá o corpo de Heitor a seu pai. Naquele momento, *naquele preciso momento*, eleva-se o sublime da condição humana. Vencedor e vencido estão unidos na (pela) dor – união na dor extrema. Existe amor e compaixão, algo que os trespassa, que os une! A Ilíada mostra-nos outra coisa: mesmo tendo consciência da morte, o homem não fica petrificado por ela. Com essa consciência extraordinária da morte, o homem quer ir para a frente, para diante... o homem quer o futuro, quer o porvir. Ele sonha, tem desejo de um gesto, desejo de uma obra, desejo de Ser e Agir.

Maradona foi essa dialética: despoletou sentidos de sobrevivência, morte, poder, vingança, ressentimento, ódio; mas, também, despoletou a compaixão, a liberdade, a justiça, o amor. Maradona foi sempre para a frente, para diante... quis o porvir... quis a obra!

Por seu turno a Odisseia narra-nos o regresso de Ulisses (o herói guerreiro) a casa – à sua casa (Ilha) –, em Ítaca, onde o espera Penélope, sua mulher e seu filho, Telêmaco. Depois da guerra de Troia (cantada na Ilíada), que durou dez anos, Ulisses retorna a casa. Um regresso doloroso (que também demorou dez anos), um regresso cheio de tormentas e lutas (ciclopes, feiticeiras, tempestades e sereias) que teve de travar nas várias ilhas por que passou no caminho para casa. A luta simboliza a luta do homem contra aquilo que não nos permite humanizarmo-nos: a corrupção, o poder, a avarizia, a ambição, a luxúria, o desejo, a sedução. Centremo-nos nas dimensões desejo/sedução – todos conhecemos a passagem do “Canto das Sereias”. Perante tal fato, Ulisses pede aos seus marinheiros que o prendam ao mastro do navio. Há aqui uma dimensão simbólica profunda – o ato de prender ao mastro invoca a ideia de verticalidade. A verticalidade do corpo (o valor do corpo) significa a verticalidade da alma; a verticalidade de ser Pessoa. Chegar a casa como pessoa, chegar inteiro. Este retorno é igualmente um regresso espiritual, corporal e amoroso.

Maradona um Ulisses... um lutador. Se muitas vezes teve dificuldade em lutar contra aquilo que não nos permite que nos tornemos humanos (um homem frágil); se muitas vezes esteve prisioneiro no desejo e na sedução... ele trazia em si o gênio humano – a



necessidade, a urgência de ser vertical! Assumiu a figura simultânea (só possível aos semideuses) de herói e de anti-herói... e no fim ficou eterno.

A este propósito Mircea Eliade (s/d) vai referir que Homero com as suas narrativas teve a capacidade de assumir e ultrapassar a finitude e a precariedade da vida humana: “viver totalmente, mas com nobreza, *no presente* [...] forçado que foi pelos deuses a não ultrapassar os seus limites, o homem acabou por realizar a *perfeição* e, portanto, a *sacralidade da condição humana*. Redescobriu, pois, dando-lhe forma definitiva, o sentido religioso da “alegria de viver”, o valor sacramental da experiência erótica e da beleza do corpo humano, a função religiosa de todo o júbilo coletivo organizado” (ELIADE, s/d, p. 238).

Deste modo, Maradona constrói a epopeia, a hermenêutica heroica por excelência, espelhando o paradigma *cosmológico da aventura humana*. De fato, Maradona foi (é) o representante do humano na sua imanência e na sua transcendência que, no limite vai estar inscrita numa ambiguidade.

Maradona foi um (*re*) *fundador*. Refundou o humano, na sua *identidade* feita de realidades, de sonhos, de paradoxos, de relações, de dilemas, de contradições. Tornou-se imortal, sendo transportado (agora) para a memória dos homens e para a presença dos Deuses.

CONCLUSÃO QUE CONTINUA A CONTEMPLAR...

Maradona foi (é) uma *obra de arte*, saboreada por uma estética universal. O único critério (de verdade) foi a *Vida Vivida*, a única que tem a capacidade de construir o homem. Não um homem qualquer, mas o *Homem-Todo*. O homem que é sensível, inteligível, imanente, transcendente.

Maradona mostrou que, apesar de sermos mortais, podemos ser eternos. Cada um pode aceder a essa eternidade, por menor que seja o jogo da (sua) vida

Maradona (pelo desporto/ futebol) encimou a Natureza Humana - humana, demasiado humana e, por isso, o mundo chora e, por isso, o mundo (consciente e inconscientemente) lhe agradece e, por isso, o mundo o eterniza.

Maradona, uma metáfora primeira... com uma lágrima... Maradona!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMILO CUNHA, António. **A velhice – “coisa” do interesse humano**: um olhar a partir da educação. Goiânia, GO: Publicações Pontifícia Universidade de Goiânia, 2021 (no prelo).

ELIADE, Mircea. **História das ideias e crenças religiosas**. v. I, II, III. Porto, Portugal: Rés-Editora, s/d.

FRANCESCO. Maradona? Un poeta. Il doping annulla la dignità. [Entrevista concedida a] Pier Bergonzi. **La Gazzetta dello Sport**, Milão, 2 jan 2021. Disponível em: <<https://www.gazzetta.it/Cronaca/02-01-2021/papa-francesco-intervista-esclusiva-gazzetta-enciclica-laica-sport-3902145725145.shtml>>. Acesso em 02 jan., 2021.

HOMERO. **Ilíada**. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/n850xs>>. Acesso em 02 abril 2021.

_____. **Odisseia**. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/n850xs>>. Acesso em 02 abril 2021.

LOURENÇO, Eduardo. Entrevista a Eduardo Lourenço [Entrevista concedida a] Fátima Campos Ferreira. **RTP**, Portugal, 25 abril 2016. Disponível em: <<https://www.rtp.pt/play/p2445/entrevista-a-eduardo-lourenco>>. Acesso em 02 dez 2020.

MONIZ, António. **Dicionário de termos literários (EDTL) de Carlos Ceia**. Lisboa, Portugal, 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/heroi/>>. Acesso em 19 abril 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral**. São Paulo: Abril, 1983.

_____. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.

_____. **Crepúsculo dos ídolos (ou como filosofar com o martelo)**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000b.

_____. **Para além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

_____. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

_____. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Vontade de potência**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.

Dados do autor:

Email: camilo@ie.uminho.pt

Endereço: Rua de Oliveira, 171, Landim, 4770-316, Vila Nova de Famalicão, Braga, Portugal.



Recebido em: 26/04/2021

Aprovado em: 14/06/2021

Como citar este artigo:

CUNHA, António Camilo Teles Nascimento. Maradona... e o mundo pensou o super-homem.

Corpoconsciência, v. 25, n. 2, p. 269-176, mai./ ago., 2021.